

GORDON PARKS

A AMÉRICA SOU EU

CADERNOS
DE MEDIAÇÃO
CULTURAL

IMS

As imagens que mais persistentemente confrontaram minha câmera foram as de crime, racismo e pobreza. Fui trespassado pela brutalidade dos três temas. Mesmo assim, me mantendo atento às imagens que transmitem serenidade e beleza, e por isso minha câmera buscou os esplendores evanescentes da natureza. Registrá-los era questão de desenvolver uma capacidade de observação, uma espécie de metamorfose por meio da qual eu recorria às coisas que me eram caras – a poesia, a música e um certo aspecto de aquarela.

– GORDON PARKS

COMO UTILIZAR ESTE CADERNO?

Este caderno de leitura de imagens é um convite à construção de experiências sensíveis, reflexivas e significativas, propondo o contato com a arte em três tempos:

1. PREPARANDO O ENCONTRO COM A IMAGEM

Antes de apresentar uma imagem a um grupo de pessoas, é essencial que você a observe com atenção. Esse olhar prévio permite que você construa alguma intimidade com a imagem e reflita sobre possíveis abordagens, considerando temas, públicos e contextos. Avalie se deseja trabalhar exclusivamente com foco nas obras aqui selecionadas ou se deseja reunir outras imagens para discutir questões específicas do projeto pedagógico que orienta a realização da leitura em grupo, lembrando que você pode utilizar materiais de apoio, como entrevistas, vídeos e conteúdos do site do IMS ou de outros repositórios de publicações.

2. DURANTE AS ATIVIDADES DE LEITURA EM GRUPO

Para preparar o grupo, uma conversa inicial ou atividade de escrita pode despertar memórias, opiniões e sensibilidades, criando conexões com o que será visto. Ao observar a imagem, incentive uma visualização cuidadosa. Com o grupo, escolha até cinco palavras-chave e, se possível, deixe-as anotadas em local onde todos possam ter acesso. Provoque os participantes com perguntas de caráter abrangente, que permitam abordagens

mais individuais e coloquem em destaque os repertórios pessoais, como, por exemplo: “O que você percebe na imagem?”, “Que informações você reconhece na imagem?”, “Como ela te afeta pessoalmente?”, “Qual o seu posicionamento diante do que você consegue ler na imagem?”. Crie pausas para escutar o grupo, levantar perguntas e aprofundar temas. Estimule a realização de registros visuais ou escritos para contribuir no processo de escuta e da troca processual e negociada de percepções, informações, afetos e opiniões das pessoas presentes.

3. OUTROS MODOS DE APROFUNDAR AS LEITURAS DE IMAGENS

Estimule produções individuais – textos, desenhos, mapas mentais – e relate a imagem a outras obras, estilos ou artistas. Explore diferentes tipos de imagem e modos de exibição, questionando: “Onde a arte pode estar?”, “Quem define o que é arte – ou o que é beleza?”, “Que outros sentimentos, sensações e posicionamentos uma imagem pode despertar além do ‘gostar ou não gostar?’”. Proponha a realização de diários visuais, conversas, debates e visitas a exposições. Conectar os estudantes à programação de sua cidade é uma forma de se relacionar com a cena artística local, nacional e mundial, lembrando que, além de visitar o IMS e participar de sua programação de arte e educação, você e sua turma podem acessar suas plataformas digitais, repletas de recursos de arte disponíveis gratuitamente.

GORDON PARKS: A AMÉRICA SOU EU

Autoria não identificada.¹
Sem título, década de 1950.
Fotografia analógica em
impressão digital a partir de
arquivo digital, 60 x 78 cm.
The Gordon Parks Foundation



A exposição *Gordon Parks: a América sou eu*, realizada pelo Instituto Moreira Salles em parceria com a Fundação Gordon Parks, que preserva o acervo do fotógrafo, apresenta uma retrospectiva com 200 obras. São imagens, filmes, periódicos e livros feitos entre as décadas de 1940 e 1990. O expressivo conjunto de séries e ensaios revela como o artista construiu narrativas potentes sobre desigualdade, beleza, resistência e afeto. Gordon retratou a história da população negra dos Estados Unidos, desde experiências cotidianas e movimentos sociais, com retratos de Martin Luther King, Malcolm X e Muhammad Ali, até séries dedicadas à infância. Sua obra como um todo documenta a vida e a cultura estadunidenses.

Este Caderno de Mediação Cultural convida educadores, professores e todos os interessados em fotografia e leitura de imagem a aprofundar essa experiência de contato com a obra do artista. Ele propõe percursos de observação e diálogo que estimulam o pensamento crítico e a escuta de múltiplas vozes, valorizando a fotografia como linguagem artística e campo de encontro entre história e imaginação.

CURADORA

Janaina Damaceno

CURADORA-ASSISTENTE

Ilíriana Rodrigues

ASSISTÊNCIA DE CURADORIA

Maria Luiza Meneses

VISITAÇÃO

Gordon Parks: a América sou eu
4/10/2025 a 1/3/2026

IMS PAULISTA

Avenida Paulista, 2424,
São Paulo/SP – Brasil
Entrada gratuita.

Terça a domingo e feriados
das 10h às 20h (fechado
às segundas).

Última admissão: 30 minutos
antes do encerramento.

Gordon Parks (Fort Scott, Kansas, 1912 – Nova Iorque, 2006) fez da câmera uma ferramenta para contar histórias de vida, denunciar injustiças e afirmar a dignidade das pessoas negras nos Estados Unidos e em todo o mundo. Fotógrafo, cineasta, escritor e músico, ele registrou, ao longo de mais de cinco décadas, momentos decisivos da luta pelos direitos civis, do cotidiano de famílias marginalizadas, da moda e da cultura urbana.

Dado como morto ao nascer, Parks foi trazido de volta à vida, escapou de um porvir comum a muitas infâncias negras marcadas pelo racismo. Para as curadoras da mostra, sua longa vida e sua obra constituem o cumprimento de um destino sagrado: o de melhorar o mundo por meio da arte, revelando e enfrentando as injustiças sociais.

Em sua trajetória, combinou estudo e experiências de trabalho, corroborando para a formação de seu amplo repertório de vida. Atuou produzindo tijolos em uma olaria; lavando louças em um restaurante; tocando piano e fazendo serviços gerais num bordel; como mensageiro no Club Minneapolis; e como carregador (*porter*) num trem da Pullman Company. Ao trabalhar como ajudante de garçom no Lowry Hotel, conheceu a Orquestra de

Larry Funk e passou a integrá-la como cantor, compositor e músico, antes de tornar-se pianista do Sterling Club, em Saint Paul. Em 1937, adquiriu sua primeira câmera. Fotografou para a imprensa negra estadunidense – jornal *Saint Paul Recorder* – e para a Farm Security Administration, em Washington, que teve um programa que gerou registros importantes da vida rural e urbana nos Estados Unidos. Chegou à revista *Life* em 1948, onde atuou por 30 anos, se tornando o primeiro fotógrafo negro da principal revista do mundo naquele momento.

Recebeu mais de 50 títulos de doutor *honoris causa* e medalhas, com destaque para a Medalha Nacional de Artes, concedida em 1988. Atualmente, seus arquivos e registros estão preservados em instituições como a Fundação Gordon Parks, o Museu Gordon Parks (em Fort Scott, Kansas), a Biblioteca do Congresso, a Universidade Estadual de Wichita e o Museu de Arte Moderna de Nova York. Sua produção amplia o entendimento de que a fotografia não é apenas documento, mas um gesto político e poético.

¹ O IMS enviou todos os esforços para identificar e localizar os detentores dos direitos de autor das obras e dos direitos de imagem dos retratados, e agradece toda informação suplementar a respeito.



Marcha para Washington, Sem título (Mahalia Jackson), Washington, D.C., 1963

Fotografia impressa em pigmento mineral sobre papel de algodão, 40,64 x 50,8 cm.

Cortesia e copyright The Gordon Parks Foundation

**QUE FORÇAS DE FÉ, ARTE E MOBILIZAÇÃO
PÓLITICA SE ENTRELAÇAM QUANDO
UMA VOZ SE ELEVA DIANTE DE
MILHARES DE PESSOAS?**

Um plano aberto revela uma multidão concentrada em torno de um palanque ao ar livre. No centro, uma mulher em destaque ocupa o microfone, o corpo levemente inclinado para a frente, a boca aberta no instante do canto. O tecido escuro do vestido contrasta com uma flor clara presa na altura do peito e repete o preto do chapéu que coroa a cabeça. Os gestos e as expressões, da concentração à alegria contida, sugerem diferentes estados de escuta. Alguns rostos se voltam diretamente para quem fotografa, outros se perdem no horizonte, compondo uma cena de atenção compartilhada. O conjunto transmite a força de uma experiência coletiva: mais de 250 mil pessoas estiveram presentes para ouvir essa voz. Ela é Mahalia Jackson (1911-1972), uma das maiores cantoras do gospel estadunidense, nascida em Nova Orleans e formada nos corais das igrejas batistas. Sua voz poderosa levou o gospel às rádios e aos palcos do mundo. Ativista dos direitos civis, foi amiga de Martin Luther King Jr.

A fotografia registra a Marcha para Washington, em 28 de agosto de 1963, momento emblemático da luta pelos direitos civis nos Estados Unidos. No enquadramento, Gordon Parks evidencia o contraste entre a força da voz solitária e a escuta solidária das pessoas.

Na base da imagem, chapéus azuis trazem as letras NAACP, sigla da Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor, evocando décadas de mobilização do movimento negro por direitos civis.

São várias camadas de significado condensadas na fotografia. Mahalia Jackson cantou canções religiosas populares, chamadas *spirituals*, criadas por pessoas negras escravizadas no sul dos Estados Unidos entre o final do século XVIII e meados do século XIX, que se tornaram muito conhecidas, especialmente antes da abolição da escravatura, na década de 1860. Essas músicas, sobre fé, esperança, liberdade e resistência, muitas vezes usavam metáforas bíblicas

para expressar o desejo de liberdade. Com o tempo, os *spirituals* se tornaram uma das formas mais importantes do cantor popular dos Estados Unidos, influenciando gêneros posteriores, como o *blues*, o *gospel*, o *jazz* e o *soul*.

A canção “I've Been 'Buked and I've Been Scorned” [Fui enganado e desprezado] antecedeu o célebre discurso “I Have a Dream” [Eu tenho um sonho], de Martin Luther King Jr. É sabido que, durante o discurso, Mahalia gritou, como os fiéis das igrejas negras fazem durante os cultos: “Tell them about the dream, Martin!” [Conte a eles sobre o sonho, Martin]. Ele então, incentivado pelas palavras da amiga, deixou o texto de lado e retornou a ideia de seu sonho para a América, improvisando uma fala emocionada e vigorosa, que combinava sua identidade de pastor com a de liderança política. “Hoje eu tenho um sonho” é uma das passagens mais celebradas da história dos EUA. Martin Luther King agradeceu a cantora pela sugestão e sempre reconheceu a importância dela para que a cultura negra fosse fonte de orgulho, e não de vergonha. Gordon Parks, atento, capturou esse elo entre espiritualidade, música e ação política, revelando como a fé e a cultura negra sustentavam a luta por justiça.

Essa mesma fotografia nos lembra que Parks também retratou outras vertentes do movimento negro, como os Panteras Negras, a Nação do Islã e o próprio Malcolm X, mostrando que a busca por igualdade não foi homogênea, mas feita a partir de diferentes estratégias, tensões e alianças.

Ao convidar à leitura atenta, esta imagem provoca perguntas sobre a relação entre espiritualidade e política, sobre a força da música como mobilização e sobre o papel da fotografia como testemunho ativo. Em cada detalhe, do gesto da cantora às expressões do público, pulsa a esperança por um país mais justo, documentado como um ato de memória e compromisso com o futuro.



Menino com besouro-de-junho,

Fort Scott, Kansas, 1963

Fotografia impressa em pigmento mineral
sobre papel de algodão, 40,64 x 50,8 cm.

Cortesia e copyright The Gordon Parks Foundation

COMO LER A INFÂNCIA NEGRA NO PARADOXO ENTRE A COMUNHÃO COM A NATUREZA E A VIOLENCIA EXTREMA E CONSTANTE DA SEGREGAÇÃO SOCIAL?

Deitado na relva, um menino ocupa a maior parte da cena na fotografia. O rosto em perfil repousa sobre a vegetação, seus olhos estão fechados, sua expressão, calma. Entre o indicador e o polegar, ele sustenta um fino fio, quase invisível, no qual um besouro escuro caminha lentamente. O enquadramento, horizontal e próximo, inclui quem observa nesse momento íntimo, quase silencioso.

A fotografia *Menino com besouro-de-junho* foi realizada no mesmo ano da publicação do romance semiautobiográfico de Gordon Parks, *The Learning Tree* [A árvore do aprendizado]. O artista produziu uma série de imagens em cores que funcionavam como ensaios visuais, experimentando atmosferas e situações ligadas ao universo do livro. Essas fotografias não eram cenas de filmagem, mas exercícios de construção estética e narrativa: um laboratório em que Parks elaborava símbolos e gestos que, mais tarde, estariam presentes no filme de mesmo nome, que dirigiu em 1969.

No filme, o adolescente protagonista, Newt Winger, recebe um conselho de sua mãe, Sarah Winger, enquanto caminham juntos: “Algumas pessoas são boas e outras são más, assim como as frutas em uma árvore... Não importa se você vai ou fica, pense nisso dessa maneira até o dia em que morrer, deixe que seja sua árvore de aprendizado.”

Foi a mãe de Gordon quem o orientou assim, aproximando a imagem de uma árvore, sempre crescendo e se abrindo em galhos, constituindo o conjunto de experiências,

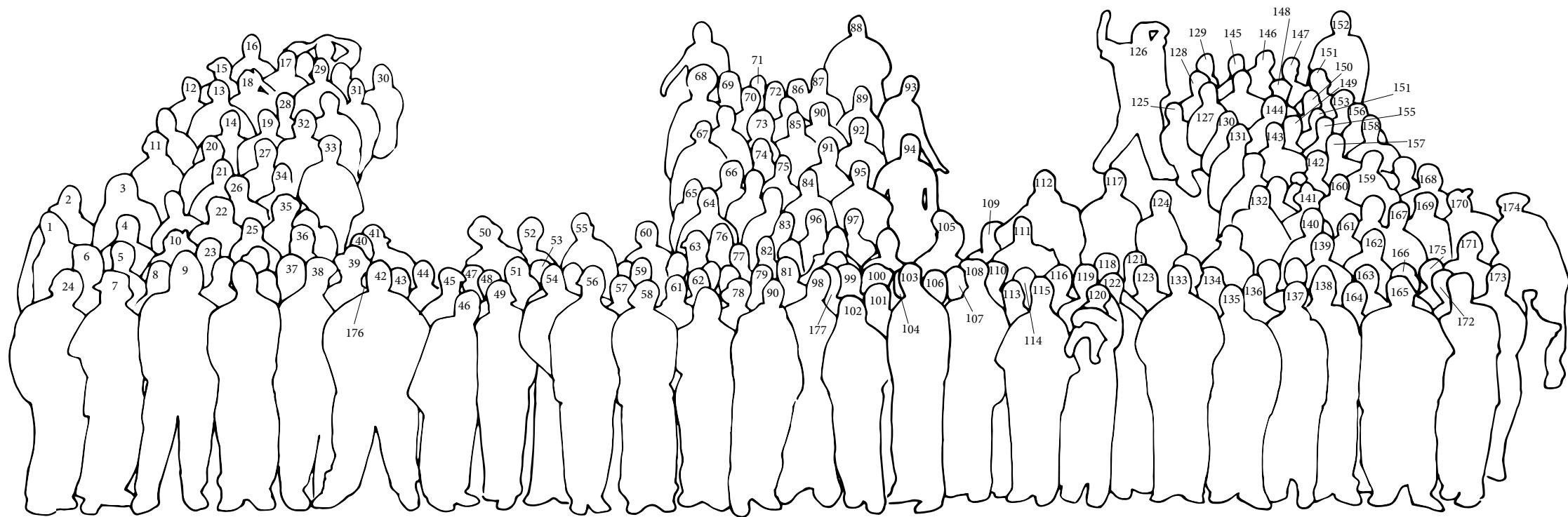
boas ou ruins, que na vida precisam ser encaradas com consciência dessa dualidade. A busca por conhecimento do mundo e de si, assim como por estratégias de sobrevivência e do bem-viver, deve nos acompanhar diante de adversidades e do racismo, assim como a família e a comunidade podem nos fortalecer e enraizar. Publicada na revista *Life* em agosto de 1963, a série apresentava imagens que mesclavam delicadeza e tensão, refletindo a infância negra em meio a descobertas e riscos. No caso específico do menino com o besouro-de-junho, Parks deitou-se junto ao solo para captar a proximidade entre o corpo infantil e o inseto, transformando a brincadeira corriqueira em metáfora da relação entre fragilidade e liberdade. A memória que o artista carrega de Fort Scott, sua cidade natal, é atravessada tanto pelo afeto quanto pela consciência do peso histórico da segregação racial naquele território.

Entre o idílio da natureza e a dureza da realidade social, o olhar de Parks afirma que, na infância negra, também há lugar para o encantamento, e a cena propõe uma pausa, ao reconhecer a subjetividade infantil e seu tempo. Nela, o jogo com o inseto torna-se símbolo de atenção ao íntimo, de convivência com a natureza e de liberdade interior, revelando que a vida se afirma também na doçura dos pequenos acontecimentos, ainda que em contextos hostis de revoltantes conflitos sociais.



*Um grande dia para o hip-hop,
Harlem, Nova Iorque 1998*

Fotografia impressa em papel de
gelatina e prata, 76,2 x 101,6 cm.
Cortesia e copyright The
Gordon Parks Foundation



1 Peter Gunz	16 Kingpin Shaheim	31 DJ A-Dam-Bomb	46 Jermaine Dupri	60 Jagged Edge	75 Wild Style	90 Benny B	106 Mike G	121 Inspectah Deck	136 Cee-lo	152 Pop La B	167 Myquan Jackson
2 Lord Tariq	17 T La Rock	32 E-40	47 DJ Jazzy Jeff	61 Jadakiss	76 T Baby	91 Big L	107 Kujo	122 Spliff Star	137 Da Brat	153 King J. Britt	168 Thomas Anthony
3 Evil D	18 Special K	33 Richie Rich	48 DJ Clue?	62 Loon	77 MJG	92 Tuffy	108 Marley Mari	123 Treach	138 Jayo Felony	154 Mos Def	169 DJ Hollywood
4 Rampage	19 Mr. Reck	34 Steele	49 Styles	63 Eightball	78 Shyheim	93 MC Serch	109 Shaq	124 Baby Sham	139 Tash	155 Reggie Reg.	170 Doctor Ice
5 Kurupt	20 Greg Nice	35 Phife	50 Q-Tip	64 Cold Hard	79 Joe Clair	94 Sticky Fingaz	110 Tela	125 Kris	140 Xzibit	156 Talib Kweli	171 Brew
6 The Hulkster	21 Jarobi	36 Tek	51 Posdnous	65 Chris Stein	80 Rakim	95 Jane Blaze	111 Mark Sexx	126 K.P.	141 Schoolly D	157 D-Nice	172 Binky Mack
7 Pee Wee Dance	22 Kool Moe Dee	37 Tariq	52 Akil Shabazz	66 Deborah Harry	81 Grandmaster Caz	96 Queen Pen	112 DJ Scratcha.	127 Kross.	142 MC Booo	158 Common	173 Kay Gee
8 Casper	23 Maseo	38 Slick Rick	53 Trugoy	67 Kool Keith	82 Never	97 Grege Morris	113 MC Knight	143 143 Special K	159 Pete Rock	160 Teddy Ted	174 Kangol Kid
9 Wyclef	24 Kool Herc	39 Fab 5 Freddy	54 Freddie Foxxx	68 Questlove	83 X-One	98 Kid Capri	114 T-Mo	128 DJ Nabs	144 Mello	161 Ed O.G.	175 Gregory Philips
10 Vinny	25 DJ Scratch	40 Canibus	69 Rah Digga	84 E Swift	82 Never	99 Lord Jamar	115 Rodney C!	129 Phesto	145 Tajai	162 162 Kilo	176 Cam'ron
11 Cappadonna	26 Chris Lowe	41 Buckshot	55 MC Shan	70 Black Thought	85 Chuck Chillout	100 Afrika	116 John Forté	130 Kid Creole	146 Domino	163 Gipp	177 DJ Toney Tone
12 Ali Muhammad	27 U-God	42 Fat Joe	56 Russell Simmons	71 Heather B	86 Nikki D	101 Barron Ricks	117 Lord Have Mercy	131 Yoda	147 A-Plus	164 Boo Kapone	
13 Saafir	28 MC Eiht	43 Andre Harrell	57 A+	72 Paula Perry	87 Dice Raw	102 No Comment	103 Easy AD	132 Wise Intelligent	148 Del!	165 Mack 10	
14 Scarface	29 Juju	44 Smooth Bee	58 Kasino	73 Angela Stone	88 Kamal	104 No Comment	105 Busta Rhymes	118 Pras	149 Daddy-O	166 Muggs	
15 Psycho Les	30 Luke	45 Grandmaster Flash	59 Sheek	74 Ced Gee	89 Hakim	105 Busta Rhymes	119 Jazzy Jeff's baby	120 Jazzy Jeff's baby	150 Milk D	151 Opio	

**O QUE UM RETRATO COLETIVO PODE NOS CONTAR
SOBRE POTÊNCIA, PERTENCIMENTO
E EXPRESSÃO PELAS ARTES?**

Em formato panorâmico, a fotografia estende-se horizontalmente, revelando a fachada de prédios de tijolos com escadarias que descem para a calçada. Distribuídas em degraus e nas janelas, mais de 170 pessoas ocupam todo o espaço, formando um mosaico de corpos. A luz do sol, alta e direta, banha cada rosto, permitindo perceber as diversas expressões. Há quem sorria, quem mantenha um olhar sério, quem olhe para a câmera. O preto e branco acentua contrastes de luz e sombra. Apesar da quantidade de pessoas, o olhar pode passear de indivíduo em indivíduo, percebendo gestos singulares e detalhes: mãos nos bolsos, braços cruzados, chapéus inclinados, posturas descontraídas, o uso de acessórios diversos e até a presença de um bebê. A sensação é de um encontro raro. A imagem sugere uma cidade condensada em um instante, com vozes, histórias e diferentes gerações reunidas. A rua se transforma em palco, ponto de convergência: o movimento da vida cotidiana cede lugar a uma pausa coletiva, organizada para caber na moldura.

Quando sabemos que se trata da fotografia *Um grande dia para o hip-hop*, realizada no Harlem, cidade de Nova Iorque, em 1998, a cena ganha novas nuances. O bairro, que fora território do jazz e de outros movimentos negros, aparece agora como berço de outra linguagem musical e cultural,

reunindo na imagem artistas e produtores. É possível reconhecer personagens da Era de Ouro do gênero, como Rakim e suas rimas complexas; Da Brat, a primeira *rapper* feminina a conquistar um disco de platina; e Cam'rom, que liderou a crew The Diplomats de Nova Iorque; entre outros. Observar a fotografia em busca da moda daquele momento evidencia como a juventude negra impôs seus corpos na paisagem urbana, contrariando estereótipos e moldando estilos. Grandes correntes de ouro, cabelos *black power*, estampas africanas e tranças com miçangas se combinam a elementos esportivos, como camisas largas de times e bonés colocados ao contrário. A inventividade corajosa, juvenil e masculina, em especial, se manifestou com grande potência. Vistos como “outros”, estigmatizados socialmente e submetidos a violências, esses jovens se afirmaram como DJs, *rappers*, *breakdancers* (*b-boys* e *b-girls*) e pelo grafite.

Suas criações foram apropriadas pela cultura hegemônica, transformaram as indústrias da moda e da música e se difundiram pelo mundo, chegando ao Brasil. A fotografia ecoa acontecimentos históricos do Harlem, como o famoso encontro de 57 músicos de jazz em 1958 diante das mesmas fachadas, em um registro de Art Kane conhecido como *Um grande dia para o Harlem*. Gordon homenageia o artista e afirma o *hip-hop* como herdeiro dessa potência criativa de grande relevância da cultura negra estadunidense, ao mesmo tempo que comprova as mudanças impostas ao bairro, ao exibir janelas e portas fechadas, pichações e canos fora de lugar. Nesse momento, Parks, um artista já consagrado e atento às transformações ao seu redor, une arquitetura, luz e dezenas de artistas em um gesto que é, ao mesmo tempo, arquivo e celebração: um retrato épico de uma cultura que transforma a rua em poesia e memória viva.

O QUE FAZEMOS QUANDO ENCONTRAMOS UMA IMAGEM?

A obra do multitalento Gordon Parks é o testemunho de uma época, um legado que constitui um repertório de práticas que podem inspirar o trabalho de quem deseja educar contra o racismo e a partir do encontro com imagens – com rigor, sensibilidade e compromisso com a transformação social.

Ao longo de décadas, suas fotografias e seus filmes documentaram a vida de pessoas negras nos Estados Unidos e abriram caminhos de reflexão que hoje inspiram práticas educativas antirracistas.

A fotografia da Marcha de 1963, que retrata Mahalia Jackson, pode ser trabalhada em sala de aula como ponto de partida para refletir sobre identidade, ancestralidade e as variadas expressões do talento e da beleza negra. Ao observar luz, enquadramento e expressão, os estudantes são convidados a perceber como a fotografia pode afirmar a dignidade, a força e a liderança de uma mulher negra em um contexto de opressão. O professor pode estimular práticas de retrato e autorretrato que valorizem a diversidade dos corpos e das feições, ampliando a noção de beleza e pertencimento a partir da arte.

Na imagem do menino com o besouro, a delicadeza do gesto contrasta com o contexto de desigualdade racial. Essa fotografia é um convite a se pensar a infância negra como espaço de imaginação e liberdade, mas também de

vigilância e resistência. O professor pode propor criações visuais e narrativas sobre memórias e brincadeiras, incentivando os alunos a refletirem sobre suas próprias infâncias e as diferentes formas de crescer e sonhar em um mundo desigual.

Por fim, a fotografia dos jovens *rappers*, que faz parte do acervo pessoal de Jay Z, abre espaço para discutir a arte como linguagem de resistência e criação coletiva. Professores podem relacionar a imagem às expressões culturais urbanas – como o *rap*, o *hip-hop* e o *slam* –, incentivando os estudantes a explorar som, corpo e palavra como ferramentas de expressão e denúncia. Essa abordagem fortalece o reconhecimento das produções juvenis e periféricas como parte da história da arte contemporânea, passando por uma série de possibilidades de investigação, como: Quais são as principais figuras do *hip-hop* brasileiro, de ontem e de hoje? O que se sabe sobre o papel do largo São Bento na história do movimento? Quem são nomes como Sabotage, Mano Brown, Thaíde, Nelson Triunfo – e quem se destaca hoje, como Afreakassia, Rincon Sapiência, Emicida ou Matuê? E quanto à presença das mulheres – quem são e como atuam nomes como Negra Li, Sharylaine, Ajuliacosta ou DJ Querty na cena atual?

Ser educador antirracista, em diálogo com sua obra, é aprender com a maneira como Parks olhava, escutava e criava junto.

MODOS DE PRATICAR PEDAGOGIAS ANTIRRACISTAS

O QUE PODEMOS APRENDER COM OS MODOS DE ATUAÇÃO DE GORDON PARKS, MARTIN LUTHER KING, MALCOLM X E OS PANTERAS NEGRAS NA BUSCA PELA CONSOLIDAÇÃO DE DIREITOS HUMANOS?

A pedagogia antirracista pode ser plural e articular diferentes modos de resistência. É o que podemos observar e deduzir ao nos aproximarmos do trabalho de Gordon Parks na exposição, em proximidade e convívio com Martin Luther King, Malcolm X, os Panteras Negras e muitas outras lideranças que usaram a arte em suas lutas e expressões de excelência na conquista e construção de direitos básicos. Com esses exemplos, aprendemos algumas práticas antirracistas que atravessam a educação e a arte em territórios e contextos variados:

1. Praticar letramento racial contínuo

O educador antirracista precisa desse mesmo compromisso constante com o estudo e a atualização de suas práticas. Gordon Parks fez de sua obra um aprendizado permanente sobre desigualdade racial. Martin Luther King via na educação a chave para a transformação social. Malcolm X defendia o conhecimento como libertação e orgulho identitário. Os Panteras Negras criaram escolas comunitárias e programas de formação política.

2. Reconhecer e desconstruir privilégios

O educador pode questionar privilégios e rever práticas que reproduzem exclusões. Em seus enquadramentos, Gordon Parks revelava as hierarquias invisíveis entre brancos e negros. Martin Luther King buscava sensibilizar consciências para desmontar essas desigualdades. Malcolm X denunciava os privilégios da branquitude de forma direta em suas obras. Os Panteras respondiam a essa realidade de rejeição criando espaços próprios de poder.

3. Desnaturalizar o racismo estrutural

Na escola, o racismo deve ser tratado como tema histórico e estrutural, não como episódio isolado. As séries de Parks

REFERÊNCIAS E RECURSOS DE APOIO

sobre segregação mostram que a injustiça é construída. King enfrentava leis injustas com desobediência civil. Malcolm X denunciava o racismo como estrutural. Os Panteras Negras expunham a violência policial como engrenagem do sistema.

4. Diversificar currículo e referências

Essa pluralidade inspira educadores a inserir referências afro-brasileiras e africanas em todas as disciplinas. Parks retratou música, moda, religião, infância e política, ampliando a compreensão da cultura negra. King defendia a integração de vozes. Malcolm X valorizava o orgulho africano. Os Panteras criaram metodologias, estratégias de formação e materiais pedagógicos próprios.

5. Garantir representatividade em espaços de decisão

O educador antirracista precisa lutar para que pessoas negras estejam presentes na gestão escolar, na autoria de materiais pedagógicos e em posições de liderança. Como Parks, que foi pioneiro na revista *Life* e no cinema, King negociava espaços institucionais, Malcolm X defendia autonomia, e os Panteras Negras formaram lideranças comunitárias e implantaram núcleos de resistência.

6. Dar voz e protagonismo à juventude negra

O professor deve abrir espaço para que estudantes negros contem suas histórias e sejam autores de seus projetos. Parks retratava famílias e crianças em sua própria humanidade. King convocava jovens para marchas. Malcolm X reforçava a autoestima e a identidade de seu público. Os Panteras Negras ofereciam apoio direto por meio de programas sociais.

7. Enfrentar o racismo no cotidiano

Na escola, isso se traduz em agir diante de episódios racistas, sem os minimizar, transformando-os em debates críticos e protetivos. Parks não desviava o olhar

da violência racial. King respondia com enfrentamento direto à polícia.

8. Articular escola e comunidade

A escola também deve se abrir ao território: quilombos, terreiros, coletivos e famílias são parte fundamental da educação. Parks sempre atuava enraizado nas comunidades. King mobilizava igrejas. Malcolm X dialogava com redes religiosas e meios artísticos e culturais de circulação de ideias. Os Panteras Negras organizavam programas de saúde e alimentação.

9. Adotar metodologias participativas e criativas

Educadores podem inspirar-se nessas práticas para criar aulas colaborativas, oficinas de imagem, murais e produções coletivas. Cada ensaio de Parks era cocriado com seus fotografados. King organizava ações coletivas em espaços públicos. Malcolm X incentivava o fortalecimento cultural pela criação e recepção de arte. Os Panteras Negras desenvolveram oficinas comunitárias de letramento racial usando recursos artísticos.

10. Revisar continuamente a prática

Educadores precisam avaliar constantemente suas práticas e devem se manter em estado de atenção ao aprendizado contínuo. Da mesma forma que Parks reinventou-se como fotógrafo, cineasta, escritor e músico. Ou que Martin Luther King reformulou sua visão sobre os modos de atuação ao longo da vida, que Malcolm X se transformou após viagens e diálogos internacionais e que os Panteras Negras adaptaram suas estratégias ao contexto político.

Para transformar esses princípios em diretrizes, que tal pesquisar algumas referências brasileiras nesse sentido? Convide os estudantes a criar uma lista de personalidades inspiradoras e exemplos de como praticar esses dez princípios no dia a dia da escola.

Sobre a exposição:

Acesse conteúdos sobre a exposição, com textos e imagens selecionados.



Fundação Gordon Parks:

Desde 2006, a fundação apoia e produz iniciativas artísticas e educativas que promovem o legado e a visão de Gordon Parks.



Revista ZUM:

A cor de Gordon Parks – parte I, Dorrit Harazim



Sobre as obras:

Materiais acessíveis, leituras de textos da exposição e audiodescrição de obras.



Revista ZUM:

A história da fotografia que registrou 57 músicos da era de ouro do jazz, Cadão Volpato & Art Kane



Vídeo com as curadoras:

Gordon Parks - A América sou eu no IMS Paulista | Abertura



CRÉDITOS INSTITUTO MOREIRA SALLES

Walther Moreira Salles
(1912-2001) – Fundador

Cadernos de mediação cultural

Esta publicação foi impressa pela gráfica Pigma em dezembro de 2025 sobre papel Ofsete 120 g/m² e utiliza a fonte Mona Sans, de Deni Anggara.

Conselho Jackson Schneider, Janaina Damaceno, Luiza Teixeira de Freitas, Matinas Suzuki Jr. (Presidente), Milene Chiovatto, Pedro Moreira Salles e Tadeu Chiarelli

Área de Educação IMS
Organização Renata Bittencourt
Concepção, pesquisa e textos Valquíria Prates e Janis Clémen
Produção editorial Núcleo Editorial IMS

Diretoria artística João Fernandes
Diretoria de educação Renata Bittencourt
Diretoria executiva Jânio Francisco Ferrugem Gomes
Diretoria geral Marcelo Mattos Araujo

Projeto gráfico Estúdio Daó (Giovani Castelucci e Guilherme Vieira)
Revisão de textos Lívia Azevedo Lima
Digitalização e tratamento de imagens Núcleo Digital IMS e Pigma

Este material é distribuído gratuitamente. Não pode ser comercializado.

Tiragem 2.000 exemplares impressos.



Eu, também, sou a América. A América sou eu. Ela me concedeu a única vida que tenho, então devo compartilhá-la em sua luta. Olhe para mim. Escute-me. Tente entender a minha luta contra o seu racismo. Ainda há uma chance para que consigamos viver em paz sob esses céus tão intempestivos.

– GORDON PARKS

CADERNOS DE MEDIAÇÃO CULTURAL

IMS

A coleção de cadernos educativos pretende provocar o pensamento sobre questões contemporâneas das artes, da cultura e da sociedade. Pensados para enriquecer aulas, encontros e rodas de conversa, estes cadernos oferecem suporte a professores, educadores e mediadores culturais. A partir de informações e estratégias compartilhadas, estimulam reflexões e práticas artísticas, promovendo experiências dinâmicas de aprendizado e diálogos férteis em espaços educativos e culturais.